

Mônica Magalhães Cavalcante

monicamc02@gmail.com

Kennedy Cabral Nobre

cabralnobre@yahoo.com.br

Vicente de Lima-Neto

netosenna@gmail.com

A intergenericidade como recurso humorístico

The mixed genres as a humorous resource

RESUMO - Nosso objetivo neste artigo é discutir os efeitos humorísticos causados pelo fenômeno designado como *intergenericidade* (Marcuschi, 2002). Analisando quatro exemplares de textos que nele se inserem, observamos que a imitação de gêneros mais institucionalizados por meio de marcas formais é um recurso produtivo para efeitos estilísticos relacionados ao humor, tanto pela quebra de expectativas do leitor no que se refere à forma de um gênero com função de outro, quanto no que tange ao uso análogo de funções mais formais com fins burlescos.

Palavras-chave: intergenericidade, estilo, humor.

ABSTRACT - Our aim in this paper is to discuss the humorous effects caused by the phenomenon known as mixed genres (Marcuschi, 2002). Analyzing four examples of texts, we found that the imitation of genres that are more institutionalized through formal marks is a productive resource for stylistic effects related to humor by breaking the reader's expectations with regard to the form of a genre with another function and regarding the similar use of more formal functions with burlesque purposes.

Key words: mixed genres, style, humor.

Considerações iniciais

A presença do outro pode evidenciar-se na linguagem de distintas formas e em diferentes níveis, desde manifestações explícitas até marcas indiretas de heterogeneidades enunciativas (Authier-Revuz, 1990). Dentre esses casos de heterogeneidade, focalizaremos, neste trabalho, o fenômeno da intertextualidade, tomando por base não somente os pressupostos de Genette (1982) e de Piègay-Gros (1996), como também as descrições sugeridas por Marcuschi (2002) e por Koch *et al.* (2007), no que diz respeito à intergenericidade. Refletimos acerca do fenômeno do humor desencadeado pela recorrência do uso da intergenericidade como estratégia de composição textual.

Entendemos a intertextualidade intergenérica como a recorrência a traços superestruturais de gêneros mais institucionalizados utilizados com propósitos distintos do cânone. Observamos, a partir dos exemplares analisados, que essa mistura de elementos provenientes de dois ou mais gêneros distintos – em especial a relação forma/função – acaba por conferir humor aos gêneros híbridos. Para tanto, analisamos questões pertinentes aos gêneros discursivos, tomando como pressuposto fundamental a ideia de Bakhtin (2000) de que os gêneros são como enunciados que apresentam, de forma simultânea, regularidade e instabilidade.

Alguns exemplos de textos com constituição eminentemente híbrida são analisados a fim de embasar nosso posicionamento acerca da relação entre intergenericidade e humor, principalmente se seus aspectos formais imitam o estilo da estrutura composicional de gêneros altamente padronizados.

Intergenericidade como recurso humorístico em gêneros discursivos

Pode-se dizer que a percepção de que a humanidade se utiliza de gêneros discursivos para interagir remonta a uma época longínqua e intangível quando foram nomeadas pela primeira vez as práticas comunicativas mais rotineiras. Todavia, um estudo sistemático dos gêneros só veio a ocorrer, até onde se tem notícia, com Aristóteles (s.d.), que focalizou gêneros da esfera literária e jurídica. Séculos, durante os quais a preocupação com o estudo de gêneros ficou latente, separam as considerações de Aristóteles das de Bakhtin (2000), que praticamente conferiu à concepção redefinida de gênero a responsabilidade pelas práticas comunicativas, consoante percebemos por meio do seguinte trecho: “Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível” (Bakhtin, 2000, p. 302).

Na verdade, toda a importância que Bakhtin deposita no estudo dos gêneros do discurso e no enunciado faz parte de uma reorientação epistemológica proposta pelo filósofo em deslocar as preocupações a respeito da linguagem do sistema imanente às práticas comunicativas. Nesse contexto, gênero é definido como formas de enunciados relativamente estáveis, uma espécie de repertório de formas de interação estabelecida temporalmente por cada campo da atividade humana. Nesse caso, não passou despercebido por Bakhtin a numerosa variedade de gêneros do discurso, talvez a grande responsável por terem sido preteridos pela Linguística por tanto tempo.

Como se sabe, para Bakhtin (2000), os gêneros discursivos apresentam conteúdo temático, estilo e estrutura composicional bem definidos, mas não rígidos, pois tais traços podem estar sujeitos a mudanças diversas ao longo do tempo e a depender das condições sócio-históricas de que se originam.

Além desses três elementos, o autor ainda ressalta a importância do destinatário para a escolha (determinação, conforme o autor) do gênero discursivo no qual um enunciado deverá se materializar: “As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2000, p. 325). Se o destinatário é responsável pela determinação da diversidade dos gêneros do discurso, pode-se dizer que ele também (co)determina (junto a outros critérios) a escolha do gênero discursivo mais apropriado ao momento de enunciação, e a consideração do que é mais adequado repercute sobre as funções a serem desempenhadas pelo gênero. Uma dessas funções é a humorística, como demonstraremos neste trabalho.

Mais que explorar esses elementos, entretanto, desejamos reforçar que gênero, para Bakhtin (2000), é enunciado, de modo que o gênero acaba apresentando, em sua concepção, os mesmos critérios para a caracterização de um enunciado, a saber, a alternância e o acabamento (este dividido em tratamento do objeto, intuito e gênero). O pensador russo ainda considera as etapas para a produção de determinado gênero do discurso em duas fases, a primeira corresponde à escolha do conteúdo, do gênero e dos recursos linguísticos; ao passo que na segunda se dão a composição e o estilo, conferindo expressividade ao texto produzido.

Bakhtin incluí especificamente no estilo as escolhas relativas ao gênero, negando, por conseguinte, a imanência de recursos estilísticos exclusivos a um sistema, visto que os aspectos de expressividade são perceptíveis no uso: “o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana” (Bakhtin, 2000, p. 283). Nesse caso, o estilo é visto mais como coletivo que individual, entretanto não escapa às considerações do pensador russo o aspecto individual do estilo, ainda

que sejam inegáveis as coerções dos gêneros no que diz respeito às possibilidades de variação estilística.

Tomando como base os pressupostos que acabamos de discutir, podemos estabelecer um contínuo entre gêneros menos flexíveis, altamente institucionalizados (com estilo padronizado), e gêneros mais maleáveis à variação estilística, como os do campo da publicidade e do humor. Observamos que muitos gêneros produzidos nessas instâncias discursivas se utilizam de fenômenos expressivos diversos a fim atingir seu intuito persuasivo e humorístico. Neste artigo, abordaremos o fenômeno da intergenericidade como um desses recursos estilísticos.

O caráter intergenérico tem a ver com a interpenetração dos gêneros do discurso. O estudo das misturas de gêneros já tem quase um século, a partir da obra de Bakhtin (2005 [1929]), que estudou o romance polifônico de Dostoiévski. Lá, já se apontava a maleabilidade em gêneros praticados no século III a.C., ainda na Grécia Antiga, como uma mistura de caráter estilístico e composicional entre os gêneros literários diálogo socrático e menipeia, que poderiam subverter outros gêneros, como cartas, manuscritos, discursos oratórios etc.

Na atualidade, Fix (2006) aprofundou a temática, rotulando o fenômeno de intertextualidade tipológica. Ela argumenta que cada vez mais uma dissolução do cânone, comportamento típico das sociedades, está se manifestando nos textos, principalmente nos que têm o intuito de chamar a atenção do público, como os publicitários, os jornalísticos etc., por meio de “variações, montagens de textos, transgressões e misturas textuais e estilísticas” (Fix, 2006, p. 264). Essa quebra de padrões é um recurso estilístico fabricado para levar a um fim específico, como o humor, que nos interessa mais de perto.

Nesta senda, Marcuschi (2002, p. 31) denomina essa configuração híbrida como *intertextualidade intergenérica*, sempre que se evidenciar uma “uma mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero”. Este posicionamento também é defendido por Koch em vários de seus trabalhos (Koch, 2002, 2004; Koch e Elias, 2006; Koch *et al.*, 2007), que sugere a existência de uma *competência metagenérica* que os indivíduos desenvolvem à medida que são expostos a uma multiplicidade de gêneros praticados em cada ambiente cultural. Desse modo, quando “um gênero é mobilizado no lugar ou no interior de outro, com o fim de produzir certos efeitos” (Koch, 2004, p. 167), os produtores de textos híbridos pressupõem que os coenunciadores mobilizarão seus conhecimentos para reconhecer os propósitos do texto em foco, e intuirão que, no processo de intergenericidade, o formato de um gênero está sendo usado para atender a uma função diferente da que lhe é peculiar.

Alegam, por isso, Marcuschi (2002, 2008) e Koch (2002, 2004; Koch e Elias, 2006; Koch *et al.*, 2007) que, em casos de mistura de gêneros – *intergenericidade*, para Koch –, é o propósito comunicativo o elemento

responsável pela definição do gênero em questão, isto é, a função que se sobressai à forma, ainda que esta última seja fundamental para a construção de sentidos esperados pelos produtores do texto. Entendamos essa proposta a partir da Figura 1 adaptado de Marcuschi (2008).

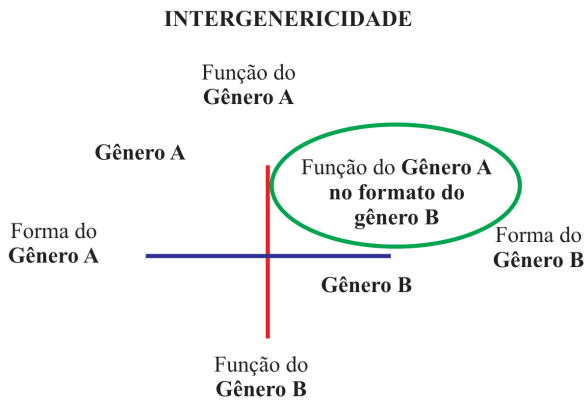


Figura 1. Intertextualidade inter-gêneros.

Figure 1. Inter-genres intertextuality.

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2008, p. 18).

A relação entre supostos gêneros A e B está representada na figura: em ambos os gêneros, leva-se em consideração, na mistura, somente forma e função. Esta última, neste caso, diz respeito ao propósito comunicativo. A interseção entre os eixos gera um enunciado híbrido cuja forma será a de um gênero com a função (propósito) de outro. Para Marcuschi (2008, p. 166), “[...] isso não deve trazer dificuldade alguma para a interpretabilidade, já que impera o predomínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero [...]”, ou seja, confirma-se, com isso, a prioridade do propósito enunciativo para a definição do gênero, minimizando outros elementos que contribuem para resgatar a sua identidade.

Lima-Neto (2009) observa, porém, que há certo perigo de reducionismo ao tratar o fenômeno sob a simples dicotomia forma superestrutural/função. Outras categorias, tais como o suporte, também podem convergir para a realização de misturas de gêneros; todavia, dada a exiguidade de espaço neste artigo, trataremos basicamente da dicotomia postulada por Fix e Marcuschi, a qual, matematicamente, seria entendida conforme mostra a Equação da intergenericidade prototípica.

Esta equação simboliza que, numa mistura de gêneros, é o propósito comunicativo que definirá o gênero. A forma terá outra finalidade: é passível de ser utilizada em função distinta da original, e, na grande maioria das vezes,

ela atende a propósitos publicitários e humorísticos. Sobre gêneros com o primeiro propósito, destacam-se os anúncios que, não raro, se investem de características dos mais variados gêneros discursivos disponíveis na sociedade a fim de obter a adesão de seu público. Alguns trabalhos já tentaram abordar esse fenômeno de forma um pouco mais sistemática, como Laurindo (2007) e Cerveira (2009). Este objetivo se assemelha ao nosso, pois verificaremos como a intergenericidade é utilizada em favor de outro propósito, especificamente o de causar efeitos humorísticos.

Indícios da relação entre intergenericidade e estilo humorístico

A fim de atestar a relação defendida neste artigo entre a fusão de gêneros e efeitos expressivos ligados ao propósito humorístico, analisamos quatro textos, disponíveis na internet, que se utilizam da quebra de expectativa gerada por elementos superestruturais do gênero para causar humor. No Exemplo 1 temos a primeira ocorrência.

No Exemplo 1, temos uma série de características formais, inclusive a nomeação do gênero, que direciona o leitor a começar a ler o texto como se fosse, de fato, uma certidão de óbito. Além do timbre das armas nacionais e de elementos relativos às instituições e repartições onde supostamente se lavrou essa certidão, observam-se ainda recorrências a elementos de composição estrutural e a frases formulaicas associadas ao gênero imitado, tais como a indicação do livro e da página em que foi registrado o óbito; o nome de quem faleceu, acompanhado de características relacionadas a sua identidade (cor, filiação, cônjuge, emprego, data e local de nascimento, estado civil); as autoridades responsáveis por atestar o óbito; a *causa-mortis*; o local e a data de falecimento, e informações relevantes adicionais.


Todavia, a despeito do que essas marcas formais e do que o uso de um léxico especializado podem indicar, logo ao se iniciar a leitura, é possível perceber-se que não se trata de uma certidão de óbito genuína em decorrência de algumas pistas, sendo a principal delas o ‘nome’ da pessoa falecida: Sport Club Corinthians Paulista. Ancoradas nessa informação metafórica, uma série de analogias é criada a fim de produzir integralmente o texto, conferindo-lhe maior semelhança a uma real certidão de óbito. Assim, são apresentados a filiação de Alberto Dualib, seu primeiro presidente; sua cônjuge, D. Derrota, efeito estilístico de personificação de uma ideia, que fortifica o propósito geral do texto de depreciar o time; o juiz que ‘atestou’ o óbito,

Forma do Gênero A + Propósito do Gênero B = Gênero B

Equação da intergenericidade prototípica

Fonte: Lima-Neto (2009, p. 162)

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
COMARCA DA CAPITAL

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL
RICARDO TEIXEIRA
ESCRIVÃO DO REGISTRO DE PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

DISTRITO: OLÍMPICO MONUMENTAL
MUNICÍPIO E COMARCA DE PORTO ALEGRE - RS

Certifica, que, no livro, 07, folhas 2007, números 1x1 aos dois dias do mês de dezembro do ano de dois mil e sete, encontra-se lavrado o assento de **SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA**, falecido em 02 de dezembro de 2007, do sexo, **DUVIDOSO**; de cor, **BRANCA E PRETA**; profissão, **SOFREDOR**; natural do estado de **SÃO PAULO**, nascido em **SÃO PAULO**, ano **1910**, estado civil, **CASADO** com **DONA DERROTA II**, filho de **ALBERTO DUALIB** e de **DONA DERROTA I**, foi declarante **NELSINHO BAPTISTA**, atestando o óbito firmado pelo juiz **ALICIO PENA JUNIOR**, que deu como **"CAUSA MORTIS" GOL DE CABEÇA DO JONAS AOS 02 MINUTOS DO PRIMEIRO TEMPO**. O sepultamento foi realizado no dia 02 de dezembro de 2007, no cemitério **TERRÃO DO CORINTHIANS**, digo **FAZENDINHA**.

Observações: o extinto deixa órfãos os filhos: Felipe, Marcelo, Júlio César, Marinho, Gustavo Nery, Betão, Edson, Iran, Fábio Braz, Amaral, Fábio Ferreira, Zelão, Everton, Cadu, Nilton, Vampeta, Dinelson, Ricardinho, Moradei, Carlos Alberto, Héverton, Bruno Octávio, Rafael Fefo, Carlão, Marcelo Oliveira, Lulinha, Ailton, Clodoaldo, Dentinho, Finazzi, Arce, Wilson, Everton Santos, Júnior Negrão.

Não deixa bens a inventariar, pois tudo que possuía foi alienado.

Nós, TORCEDORES DA PRIMEIRA DIVISÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 2008, extraímos a referida certidão e damos a maior fé

Exemplo 1. Certidão de óbito do Corinthians.

Example 1. Corinthians' death certificate.

Fonte: <http://quindimcomcocacola.files.wordpress.com/2007/12/certidao-de-obito-do-corinthians.jpg>. Acesso em: 26/06/2010.

Alicio Pena Junior, que, na verdade, fora o árbitro da partida na qual o time fora derrotado e que, em consequência disso, caiu para a segunda divisão; a *causa-mortis*, qual seja, o 'gol de cabeça do Jonas aos 02 minutos do primeiro tempo'; os órfãos, constituídos pelos então jogadores do time, entre outras relações estabelecidas ao longo do texto.

O leitor, logo no início se dá conta de que não se trata efetivamente de uma certidão de óbito e, relacionando a derrota do clube e sua conseqüente queda para a segunda divisão à 'morte' do time, acaba por quebrar as expectativas iniciais geradas pelos elementos formais e entende que tais expedientes foram empregados para conferir ao texto um propósito humorístico e depreciativo.

Por meio de uma competência metagenérica, o leitor reconhecerá essas informações formais da certidão de óbito e constatará que os verdadeiros propósitos deste gênero são outros. Assim, aplica-se a fórmula

Forma de certidão de óbito + Propósito de piada = "Piada"

Os textos do Exemplo 2 valem-se de recursos superestruturais do gênero bula para então descrever como seriam o homem e a mulher vistos como medicamentos. Ao contrário de (1), não se observa o intuito de 'enganar'

Exemplo 2

HOMEM

Indicações

HOMEM é recomendado para homens e mulheres em geral. HOMEM é eficaz no controle do desânimo, da ansiedade, irritabilidade, mau-humor, insônia, TPM, depressão etc.

Posologia e modo de usar:

HOMEM deve ser usado no mínimo três vezes por semana. Não desaparecendo os sintomas, aumente a dosagem ou procure outro. HOMEM é apropriado para uso externo ou interno, dependendo da necessidade. Uso oral também é indicado.

Precauções:

Mantenha longe do alcance das amigas e amigos. Manuseie com cuidado pois HOMEM explode sob pressão, principalmente quando associado a álcool etílico. É desaconselhável o uso imediatamente após as refeições.

Apresentações:

“Mini”, “Midi”, “Plus”, “Maxi Plus” e “Ai, meu Deus, será que aguento?”

Conduta na overdose:

O uso excessivo de HOMEM pode produzir dores abdominais, entorses, contraturas lombares, assim como

ardor na vagina e ânus, hemorróidas e fissuras anais. Recomendam-se banhos de assento, repouso e contar vantagem para a melhor amiga.

Efeitos colaterais:

O uso inadequado de HOMEM pode acarretar gravidez e excesso de ciúmes. O uso concomitante de produtos da mesma espécie pode causar enjojo, fadiga crônica e, em casos extremos, lesbianismo.

Prazo de validade:

O número do lote e a data de fabricação encontram-se na cédula de identidade. E no cartão de crédito.

Composição

Água, tecidos orgânicos, ferro e vitaminas do complexo P. Atenção: não contém SEMANCOL.

Cuidado:

Existem no mercado algumas marcas falsificadas, a embalagem é de excelente qualidade, mas quando desembrulhado, verifica-se que o produto não fará efeito algum, muito pelo contrário, o efeito é totalmente oposto, ou seja, além de não ser eficaz no tratamento de mulheres, podem agravar os sintomas e até inibir o efeito do medicamento correto.

MULHER

Indicações

MULHER é recomendada para homens portadores de SHS (Síndrome do Homem sozinho). Mulher é eficaz no controle do desânimo, da ansiedade, irritabilidade, mau-humor, insônia, etc.

Posologia e modo de usar:

MULHER deve ser usada no mínimo três vezes por semana. Não desaparecendo os sintomas, aumente a dosagem ou procure outro. MULHER é apropriado para uso externo ou interno, dependendo das necessidade.

Precauções:

Mantenha longe do alcance de amigos (vizinhos solitários, loiros e/ou morenos sorridentes, etc.).

Versões:

Loira, oxigenada, ruiva, morena e mulata, escolha a sua, ou a que melhor lhe agrade.

Conduta na overdose:

O uso excessivo de MULHER pode produzir dores abdominais, entorses, contraturas lombares, assim como ardor na região peniana. Recomendam-se banhos demorados, repouso e contar vantagem para o melhor amigo.

Efeitos colaterais:

O uso inadequado de MULHER pode acarretar paternidade indesejada, dor de cabeça, falência bancária, perda de bens e acesso de ciúmes. O uso concomitante de produtos da mesma espécie pode causar enjojo e fadiga crônica.

Prazo de validade:

O número do lote e a data de fabricação encontram-se na cédula de identidade e no estojo de maquiagem. Verifiquem – muito importante isso.

Composição

Cuidado! Existem no mercado algumas marcas falsificadas, a embalagem é de excelente qualidade, mas quando abertas apresentam produto inócuo ou prejudicial. Ou seja, além de não apresentar efeito positivo pode agravar os sintomas.

Fonte: <http://www.sonhointeligente.com/como-entender-os-homens-use-a-bula-do-homem/>. Acesso em: 27/10/2010.

Exemplo 3

BSB, 8/3/2009.

Excelentíssima Senhorita:

O abaixo-assinado, aluno compulsivo de cursos preparatórios para concursos públicos, dotado da esperança férrea de se tornar brevemente um eminente funcionário público, vem, mui respeitosamente, por meio desta informar a Vossa Senhoria que se inscreveu para o provimento de vaga no cargo de Analista de Trânsito do DETRAN/DF, e, por esse relevante motivo, suspende por tempo indeterminado o noivado que mantém com a Excelentíssima Senhorita, para se dedicar integralmente ao estudo das matérias constantes do respectivo edital.

Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar, tão logo seja aprovado, minhas funções de noivo junto a Vossa Excelentíssima, haja vista o grande amor que te devoto.

Reitero protestos de estima e consideração.

J. A. Cabral

JUAREZ ALENCAR CABRAL

Fonte: <http://www.scribd.com/doc/36890550/DETRAN-DF-2009-CESPE>. Acesso em: 27/10/2010.

o leitor levando-o a acreditar que se trata de um gênero para depois perceber que se trata de outro, conferindo-lhe um repropósito (Askhave e Swales, 2001). Desde o início, estabelece-se o contrato entre produtor e leitor de que não se trata efetivamente de uma bula, fator que não chega a interferir no propósito irreverente do texto. Assim, aspectos tais como indicações, posologia, modo de usar, precauções, composição, versão, *overdose*, efeitos colaterais e prazo de validade são metaforizados e ressignificados. Nesse caso específico, o humor se origina não da quebra de expectativas geradas pelos elementos formais de uma bula que acabamos de listar, mas da analogia bem criativa entre elementos formais e crenças disseminadas no senso comum relativas ao gênero masculino e feminino, especialmente associadas a problemas de relacionamento; às distintas perspectivas que um grupo tem em relação ao outro; e, principalmente, ao sexo. Note-se a relação interdiscursiva fundamental que entra em jogo neste exemplo: entrecruzam-se os discursos feminista e humorístico, além do discurso da medicina ou da farmacologia. Com isso, queremos evidenciar a estreita ligação entre o fenômeno intertextual, no caso a intergeneratividade, e o interdiscursivo, na perspectiva da Análise do Discurso de orientação francesa. Temos, novamente aqui, os propósitos prevalecendo sobre a forma na definição do gênero.

O texto acima se assemelha a uma carta oficial, tanto em forma quanto em função. No que se refere à forma, embora não siga a ordem canônica, verifica-se a estrutura composicional segmentada em especificações a respeito do emissor (aluno de cursos preparatórios para concursos públicos); do destinatário com uso subversivo de pronomes de tratamento (Excelentíssima Senhorita, Vossa Excelentíssima, Vossa Senhoria); do local e da data (Brasília, 8 de março de 2009); da assinatura e do nome por extenso, dispostos ao final do texto. Quanto a informações contedísticas, relacionadas à função da

carta, temos a comunicação de um fato (candidatura a uma vaga no cargo de analista de trânsito do DETRAN/DF); e a solicitação de algo em caráter oficial (suspensão do noivado até aprovação em concurso público).

Chama também atenção o efeito estilístico do uso de um léxico extremamente formal, típico de gêneros oficiais, que reforça o caráter de seriedade que é impresso ao texto. No que se refere à função, observa-se a utilização do ‘ofício’ como um documento endereçado a uma autoridade (no caso a noiva do emissor), com o propósito de comunicar um fato, qual seja, a inscrição no concurso público e a necessidade de tempo para dedicação aos estudos; e de realizar uma solicitação, no caso, a interrupção do noivado e, conseqüentemente, das respectivas “funções de noivo” desempenhadas pelo produtor do texto. Assim como na “piada” com forma de certidão de óbito anteriormente analisada (ver exemplo 1), nota-se que se deseja causar a impressão, num primeiro momento, de que o texto se trata efetivamente de uma correspondência oficial – fato que é justificado pelas escolhas lexicais, formais e funcionais características ao gênero ofício. Somente quando se percebe o propósito real da mensagem (a suspensão temporária do noivado), rompe-se a expectativa inicial e ocorre o humor – pelo menos da perspectiva de um leitor desinteressado, uma vez que não temos como saber qual fora a reação da noiva ao ler o texto (se é que o texto fora destinado à noiva, para, em seguida, circular socialmente na internet).

Observam-se facilmente, no exemplo (4), aspectos formais e funcionais do gênero currículo, como a foto 3x4 ao topo e informações de cunho escolar e profissional em ordem cronológica. O conteúdo apresenta informações idôneas (como dados pessoais e alguns aspectos da experiência profissional) mescladas a informações em que se buscou pesar um teor depreciativo (como as informações a respeito de um longo período de desemprego da

CURRICULUM VITAE
www.kibeloco.com.br

Luiz Inácio Lula da Silva

Endereço: Praça dos Três Poderes, s/nº
Palácio do Planalto - Brasília, DF.
cep: 70100-000
Telefone: (61) 211-1221 | e-mail: presidente@planalto.gov.br



Dados Pessoais

Data de Nascimento: 27 de outubro de 1945 (59 anos).
Natural de: Garanhuns (PE).
Estado civil: casado.

Formação Acadêmica

Pós-Graduação: não poçuo.
Graduação: não poçuo de novo.
2º grau: não poçuo.
Ginásio: incompreto.
Primário: esse eu poçuo.

Experiência Profissional

1957: Engraxate.
1959: "Office-boy" (Armazéns Gerais Columbia).
1962: Metalúrgico (Metalúrgica Aliança).
1966: Metalúrgico (Indústrias Villares).
1969: Suplente do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo.
1972: Secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo.
1975: Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo.
1986 a 1987: Deputado Federal.
1989 a 2002: Desempregado.
2003: Presidente da República.

Informações Adicionais

Cursos e Seminários: Torneiro Mecânico (SENAI)
Português: frunte.
Inglês: "Me not anderstend much. Tu xisburguer preaze!"
Noções de Informática: "Quando perdi meu dedo eu fiquei computador, serve?"
Hobby: "Tomar uns trago de quando em vez."


Luiz Inácio Lula da Silva

Exemplo 4. Currículo do Lula.

Example 4. Lula's curriculum.

Fonte: http://www.wikiapiada.com/wiki/index.php?title=Currículo_do_Presidente_Lula. Acesso em: 14/09/2010

personalidade em foco) e até mesmo informações ilícitas, principalmente no que se refere à formação acadêmica, na qual é utilizada deliberadamente uma norma não padrão (*poçuo*, *incompreto*) indicando uma falta de adequação do então presidente ao registro formal e o que seria sua assinatura, que imita a caligrafia de alguém que ainda não adquiriu habilidades motoras suficientes para a prática da escrita. Esta é uma clara alusão interdiscursiva à imagem socialmente construída do ex-presidente: a de que ele não possui um grau avançado de escolaridade. Esse *ethos* estereotipado de Lula se configura como exemplo de carnavalização (Bakhtin, 2005, 2010), corroborando para o propósito humorístico que defendemos.

Em suma, os exemplos analisados por nós trazem sempre um reconhecimento, por parte do leitor, do gênero "piada", que, hoje, não está mais atrelado a uma *sequência narrativa* (Adam, 2008), já que pode se manifestar sob formas composicionais variadas. Podemos sintetizar esta análise na fórmula a seguir:

Forma de (certidão de óbito, bula, ofício, currículo) + Propósito de piada = "Piada"

A competência metagenérica dos leitores permite que reconheçam, num primeiro momento, os aspectos formais – e, em alguns casos, até estilísticos, como em (3) – de determinados gêneros, mas os propósitos é que serão levados em consideração para definição do gênero ao qual cada texto em específico se filia.

Considerações finais

Neste trabalho, trouxemos à tona a clássica discussão bakhtiniana relativa aos gêneros discursivos, mas sob o viés de um fenômeno intertextual, o da intergenericidade. Tomar um fenômeno extremamente complexo como a intergenericidade restrito à ótica dicotômica forma/

função é incorrer num considerável reducionismo, pois textos dessa natureza convocam para sua constituição elementos diversos, tais como suporte, aspectos contedutísticos, tradições discursivas de certos enunciados, crenças pré-estabelecidas, que deverão ser levadas em conta ao se analisarem exemplares que recorrem ao expediente da mesclagem de elementos.

Quanto mais institucionalizados, mais cristalizados os gêneros e mais característico o seu estilo. Pelo contrário, quanto menos institucionalizados, mais difícil estabelecer elementos que enrijeçam sua caracterização, como é o caso de gêneros que cumprem propósitos publicitários e humorísticos.

Consoante nos mostraram as análises realizadas, o estilo formal característico de diferentes gêneros altamente institucionalizados, e, por conseguinte, mais propensos a uma estabilização, tais como a certidão de óbito, a bula, o ofício e o currículo, acabaram por alimentar o propósito de textos cujo intuito burlesco se distancia dos gêneros ora elencados.

Observamos que o fenômeno da intergenericidade é bastante produtivo quando se associa o estilo formal(izado) de determinados gêneros à função escarnejadora que os textos analisados procuram cumprir, uma vez que o leitor acaba por quebrar as expectativas instituídas pela formalização e estabelecem analogias de distintas funções (metafórica, depreciativa etc.) entre forma e função. Tal estado de coisas mostra quão dinâmicas são as práticas discursivas, que não se deixam solidificar com o uso, mas migram para instâncias distantes das originais.

Referências

- ADAM, J. M. 2008. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo, Cortez, 368 p.
- ARISTÓTELES. [s.d.]. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro, Ediouro Publicações, 304 p.
- ASKHAVE, I.; SWALES, J.M. 2001. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. *Applied Linguistics*, 22(2):195-212. <http://dx.doi.org/10.1093/applin/22.2.195>
- AUTHIER-REVUZ, J. 1990. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19(1):25-42.
- BAKHTIN, M. 2010 [1953]. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 7ª ed., São Paulo/Brasília, Hucitec/Universidade de Brasília, 419 p.
- BAKHTIN, M. 2000 [1953]. Os gêneros do discurso. In: M. BAKHTIN, *Estética da criação verbal*. 3ª ed., São Paulo, Martins Fontes, p. 217-326.
- BAKHTIN, M. 2005 [1929]. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 341 p.
- CERVEIRA, M. de C. 2009. *Intergenericidade em anúncios publicitários: uma abordagem semiolinguística*. Fortaleza, CE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará – UFC, 109 p.
- FIX, U. 2006. O cânone e a dissolução do cânone. A intertextualidade tipológica – um recurso estilístico “pós-moderno”? *Revista de estudos da linguagem*, 14(1):261-281.
- GENETTE, G. 1982. *Palimpsestes: la littérature au second degree*. Paris, Seuil, 490 p.
- KOCH, I.G.V. 2002. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo, Contexto, 168 p.
- KOCH, I.G.V. 2004. *Introdução à linguística textual*. São Paulo, Martins Fontes, 190 p.
- KOCH, I.G.V.; ELIAS, V.M. 2006. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2ª ed., São Paulo, Contexto, 216 p.
- KOCH, I.G.V.; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M. 2007. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo, Cortez, 166 p.
- LAURINDO, H.A. 2007. A instabilidade do gênero anúncio publicitário. In: M.M. CAVALCANTE; M.H.A. COSTA; V.M.F. JAGUARIBE; V. CUSTÓDIO FILHO. (eds.), *Texto e discurso sob múltiplos olhares, vol 1: gêneros e sequências textuais*. Rio de Janeiro, Lucerna, p. 62-81.
- LIMA-NETO, V. 2009. *Mesclas de gêneros no Orkut: o caso do scrap*. Fortaleza, CE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará – UFC, 213 p.
- MARCUSCHI, L.A. 2002. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: A.P. DIONÍSIO; A.R. MACHADO; M.A. BEZERRA (eds.), *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro, Lucerna, p. 19-36.
- MARCUSCHI, L.A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Rio de Janeiro, Parábola Editorial, 295 p.
- PIÉGAY-GROS, N. 1996. *Introduction à l'intertextualité*. Paris, Dunod, 186 p.

Submissão: 05/02/2011
Aceite: 22/07/2011

Mônica Magalhães Cavalcante

Universidade Federal do Ceará
Departamento de Letras Vernáculas
Av. da Universidade, 2683, Bloco 125, 1º andar
60020-180, Fortaleza, CE, Brasil

Kennedy Cabral Nobre

Universidade Federal do Ceará
Departamento de Letras Vernáculas
Av. da Universidade, 2683, Bloco 125, 1º andar
60020-180, Fortaleza, CE, Brasil

Vicente de Lima-Neto

Universidade Federal do Ceará
Departamento de Letras Vernáculas
Av. da Universidade, 2683, Bloco 125, 1º andar
60020-180, Fortaleza, CE, Brasil